



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

A DISCIPLINA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS ALUNOS DE LICENCIATURA¹

MACHADO, Larissa da Silva – UERJ²

ALBERNAZ, Luciene Dias³

FERNANDES, Edicléa Mascarenhas – UERJ/UFF⁴

INTRODUÇÃO

O artigo é fruto do trabalho desenvolvido no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial e Inclusiva (NEEI) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), por meio do Projeto de Monitoria, da disciplina Práticas Pedagógicas de Educação Especial e Inclusiva do currículo dos cursos de Licenciatura da Faculdade de Educação da UERJ.

A finalidade desse Núcleo é promover o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão sobre a temática da Educação Especial na perspectiva da inclusão dos alunos público alvo da Educação Especial (alunos com deficiência intelectual, auditiva, física, visual, múltipla, transtornos do espectro autista e alunos com altas habilidades ou superdotação).

A disciplina é trabalhada através de aulas teóricas e oficinas demonstradas aos futuros docentes objetivando a importância e as possibilidades do uso de recursos de tecnologias assistivas, além de proporcionar uma reflexão a respeito do uso de tais recursos no processo de ensino-aprendizagem de cada educando com necessidades educacionais especiais, assegurando, portanto, uma aprendizagem com mais atributos.

A disciplina conta com dois bolsistas monitores que auxiliam os alunos na confecção dos trabalhos finais além de auxiliar os docentes nas aulas teóricas e nos laboratórios; as bolsas de monitoria são vinculadas ao Núcleo de Educação Especial e Inclusiva (NEEI) que constitui parte integrante da estrutura organizacional da Faculdade de Educação da UERJ.

O estudo refere-se aos relatos das atividades como Bolsista do Projeto de Monitoria, de tal disciplina em conjunto com a pesquisa de metodologia quali-quantitativa, a partir da coleta e análise de dados por meio de um questionário aplicado e respondido por 96 graduandos da disciplina durante o segundo semestre de 2012. Tal quantitativo de alunos compõe três turmas diferentes da mesma disciplina. É importante ressaltar que foram ofertadas seis turmas distribuídas nos turnos da manhã e da noite com quantitativo médio de 270 alunos

¹ O trabalho possui apoio do Projeto “Programa de Melhoria das Instalações Físicas e Tecnológicas do Núcleo de Educação Especial e Inclusiva”, inscrito na FAPERJ sob o número E-26/112.173/2012 do edital 20/2 (Apoio às Universidades Estaduais do Rio de Janeiro – UERJ, UENF, UEZO).

² Graduanda do curso de Educação Física da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Bolsista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial e Inclusiva (NEEI/UERJ) – e-mail: larymachado18@gmail.com

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Bolsista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial e Inclusiva (NEEI/UERJ) – e-mail: luciene.albernaz@yahoo.com.br

⁴ Professora Adjunta da Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial e Inclusiva (NEEI/UERJ) – Professora do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI/UFF) - e-mail: professoraediclea.uerj@gmail.com



matriculados, contudo para fins da presente pesquisa foram utilizados os dados das três turmas do turno da manhã.

Os principais objetivos da pesquisa são: identificar as opiniões dos graduandos de licenciatura acerca da inclusão de alunos com deficiência e, verificar quais são as concepções destes sobre esta temática no início das aulas.

O questionário semi-estruturado com questões que foram quantificadas e categorizadas pode ser dividido em: a) questões pessoais que envolvam sexo, idade, curso, período; b) questões acerca da convivência e experiência com pessoas com deficiências e suas opiniões sobre a inclusão de alunos com deficiência em classes comuns; c) questões que envolvam a opinião em relação à inclusão de pessoas com deficiências específicas tais como a surdez, autismo, superdotação/altas habilidades e com deficiência visual; d) expectativas em relação à disciplina oferecida.

MÉTODO

O presente estudo optou por utilizar metodologia quali-quantitativa e uso de um questionário semi-estruturado que versa sobre questões objetivas que tratam da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em classes comuns, como consta abaixo:

<p>Práticas Pedagógicas de Educação Especial e Inclusiva - 2012. 2º semestre Turno: Manhã</p> <p><u>Questionário:</u></p> <p>1- Nome: _____</p> <p>2- Data de nascimento: _____</p> <p>3- Curso: _____ Período: _____</p> <p>4- Durante sua escolaridade estudou com colegas com deficiência ou com altas habilidades/superdotação? () sim () não Quais? _____</p> <p>5- Já leciona? () sim () não Para que turma: _____ Qual disciplina: _____</p> <p>6- Já lecionou ou leciona para alunos com deficiências, altas habilidades/superdotação? () sim () não Para que turma: _____ Qual disciplina: _____</p> <p>7- Em sua opinião alunos com deficiência física devem estudar em classes comuns com outros alunos?</p>
--



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

<p>() sim () não Porquê? _____</p> <p>8- Em sua opinião alunos com deficiência visual devem estudar em classes comuns com outros alunos?</p> <p>() sim () não Porquê? _____</p> <p>9- Em sua opinião alunos com deficiência intelectual (mental) devem estudar em classes comuns com outros alunos?</p> <p>() sim () não Porquê? _____</p> <p>10- Em sua opinião alunos surdos devem estudar em classes comuns com outros alunos?</p> <p>() sim () não Porquê? _____</p> <p>11- Em sua opinião alunos com autismo devem estudar em classes comuns com outros alunos?</p> <p>() sim () não Porquê? _____</p> <p>12- Em sua opinião alunos superdotados devem estudar em classes comuns com outros alunos?</p> <p>() sim () não Porquê? _____</p> <p>13- Qual a sua expectativa quanto à disciplina? (Se desejar pode utilizar o verso da folha para complementar suas respostas ou realizar comentários, sem esquecer-se de colocar o nº da pergunta). Obrigada.</p>

Figura1: Questionário aplicado aos alunos.

Foram aplicados 96 questionários nas duas primeiras semanas de aula para que os graduandos dispostos em três turmas pudessem respondê-lo sem interferência das discussões do curso.

O questionário conta com questões quantificadas analisadas de acordo com o agrupamento de questões que envolviam: a) identificação do aluno sexo, idade, curso, período; b) convivência e experiência com pessoas com deficiências; c) opinião em relação à inclusão de pessoas com deficiências específicas tais como a deficiência física surdez, autismo, superdotação/altas habilidades, deficiência intelectual e com deficiência visual; d) expectativas em relação à disciplina oferecida.

Em relação à análise qualitativa atentaremos a utilizar os dados pessoais e que envolvam as questões acerca da convivência e experiência do graduando com pessoas com deficiência ao longo de sua trajetória escolar e questões que envolvam sua opinião acerca da inclusão de pessoas com deficiência em classes comuns.

Conforme tabela abaixo se pode verificar os cursos de licenciaturas que oferecem a disciplina na condição de obrigatória ou eletiva.



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

EDU06.08821 – Prática Pedagógica em Educação Inclusiva				
Ramificações Curriculares	INST.	Curso	Período	Tipo
Artes	ART	ARTES	_____	Eletiva
			–	
Ciências Biológicas	IBRAG	CBIOL	8°	Obrigatória
Ciências Sociais	IFCH	CCS	3°	Obrigatória
Educação Física	IEFD	EDFIS	7°	Obrigatória
Filosofia	IFCH	FIF	9°	Obrigatória
Física	FIS	FISIC	7°	Obrigatória
Geografia	GEO	GEOGR	8°	Obrigatória
História	IFCH	HTR	3°	Obrigatória
Letras	ILE	_____	_____	Eletiva
			–	
Matemática	IME	MAT	_____	Eletiva
			–	
Psicologia	PSI	PSICO	_____	Eletiva
			–	
Química	QUI	QUIM	2°	Obrigatória

Quadro 1 - Ramificações Curriculares da Disciplina Prática Pedagógica em Educação Inclusiva.

Os cursos que tiveram alunos inscritos no período de desenvolvimento da pesquisa foram: Matemática, Física e Química da área de exatas; Artes, História, Geografia, Letras, Biologia, Ciências Sociais, Educação Física e Filosofia da área das humanas.

As aulas de Prática Pedagógica em Educação Inclusiva oportunizam que o aluno tenha acesso a leis importantes referentes à questão da pessoa com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/ superdotação; tais como o decreto 3298/ 89; decreto 5296/ 2004; as legislações e decretos educacionais e pactos internacionais como a Declaração de Salamanca, a Convenção Internacional de Direitos a Pessoa com Deficiência (Decreto 6949/2009), etc. Os alunos debatem documentários e filmes que abordam a temática acerca da vida das pessoas com necessidades especiais e assistem a palestras proferidas por pessoas



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

com deficiência, inclusive ministradas em língua brasileira de sinais, com apoio de intérpretes.

São também concedidas aos alunos, oficinas no NEEI e na sala de Tecnologia Assistiva da UERJ. Nestas são expostos os materiais didáticos acessíveis confeccionados por outros alunos de licenciaturas dos períodos anteriores e, participa de laboratórios com equipamentos e programas destinados a melhoria da comunicação de alunos com deficiência, tais como: softwares de produção pranchas de comunicação alternativa, softwares leitores de tela para alunos cegos como Dosvox, NVDA e Jaws, máquinas de escrita braile, reglete, punção, sorobã, oficinas de Libras.

Ao término do curso os graduandos apresentem um projeto ou um plano de aula interdisciplinar e adaptado para uma turma inclusiva. O projeto deve ser elaborado por alunos de licenciaturas diferentes de forma que incluam de alguma maneira todas as áreas constituintes em cada grupo. Proporcionando aos graduandos uma visão da possibilidade de praticar o que é aprendido em aulas teóricas. Há um incentivo à criatividade dos alunos e os trabalhos são constantemente admirados pela turma.

Esse projeto deve conter: produção de um material adaptado a uma necessidade educacional especial (como por exemplo: mapa tátil, matriz em alto relevo, material didático visual para surdos, jogos adaptados) e por fim, a apresentação destes para toda a turma.

Essas adaptações elaboradas pelos graduandos, classificadas de pequeno porte, que é o cerne desse trabalho, favorecem não só os alunos com necessidades educativas especiais, mas também todos os demais, uma vez que aprendem de forma lúdica e criativa a diversidade de linguagens e possibilidades que o ser humano expressa.

Segundo Fernandes e Redig (2006, p.8) “as adaptações de pequeno porte facilitam a aquisição de conteúdos por alunos com necessidades especiais, desenvolvendo a autonomia ao realizar as tarefas”.

Em suma, como enfatizado na Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) os alunos destas disciplinas abarcam que as diferenças humanas são normais e que os procedimentos de ensino necessitam ser adaptados às necessidades do educando, ao invés do inverso, ou seja, de que o aluno deva adaptar-se aos pressupostos pré-concebidos em relação ao seu ritmo à natureza do processo de sua aprendizagem.

RESULTADO

O estudo analisa uma mostra 96 de alunos das seguintes licenciaturas: Matemática, Física e Química da área de exatas; Artes, História, Geografia, Letras, Biologia, Ciências Sociais, Educação Física e Filosofia da área das humanas.

Abaixo constam gráficos elaborados por curso com as respostas objetivas das questões quatro a doze do questionário proposto.

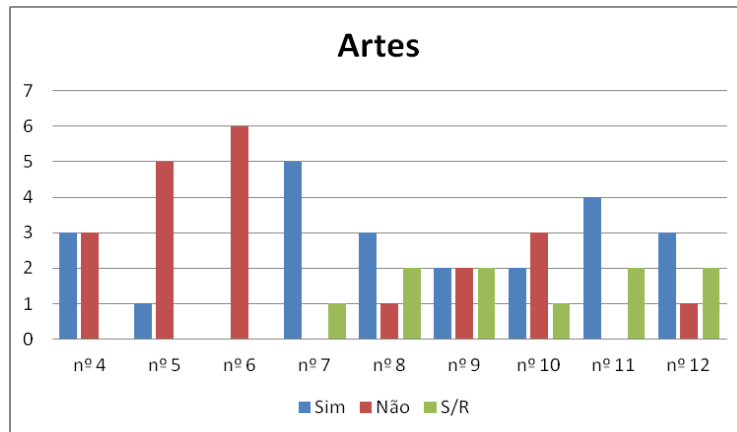


Gráfico 1 - Artes

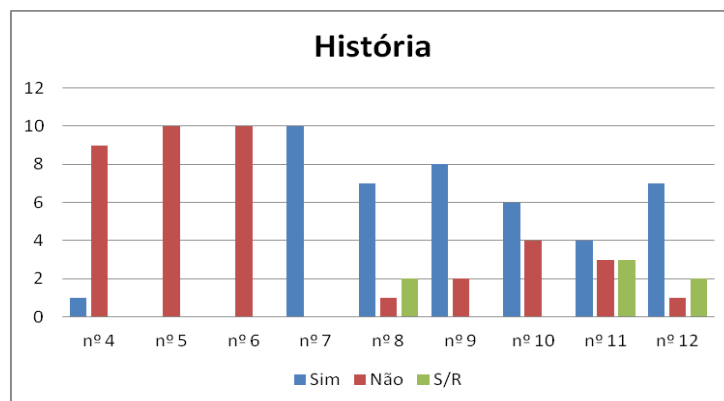


Gráfico 2 - História

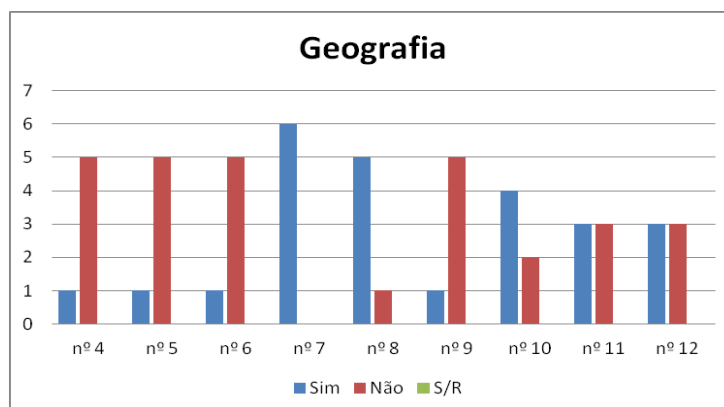


Gráfico 3 - Geografia

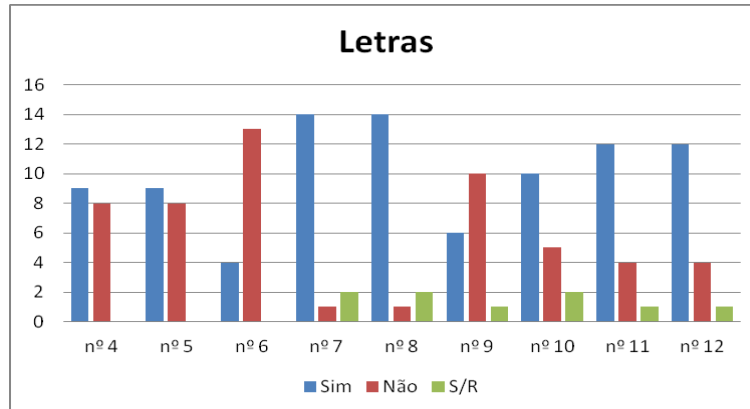


Gráfico 4 - Letras

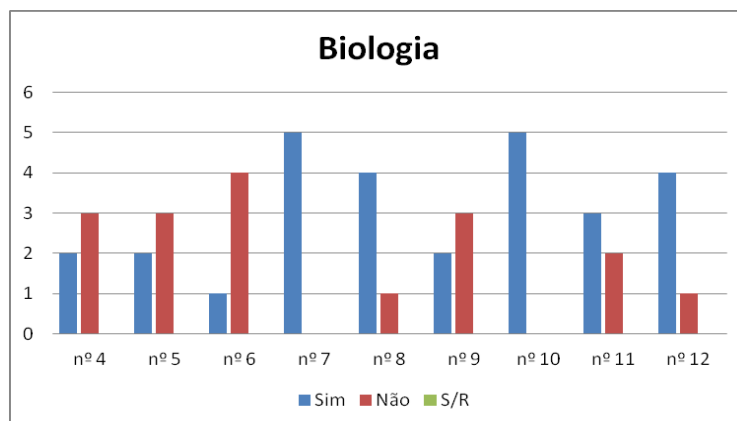


Gráfico 5 - Biologia

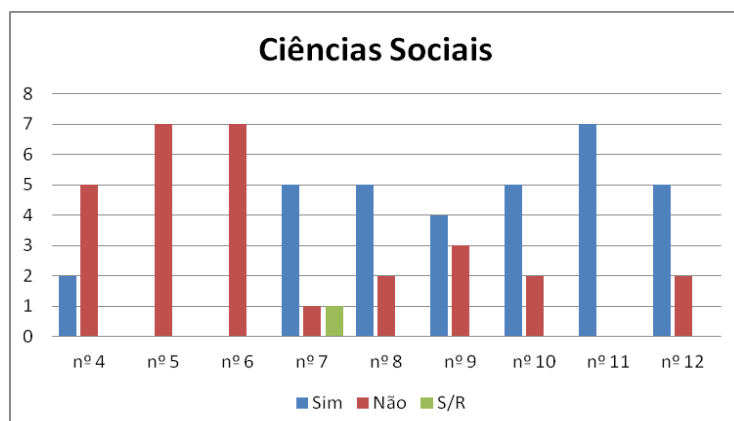


Gráfico 6 – Ciências Sociais

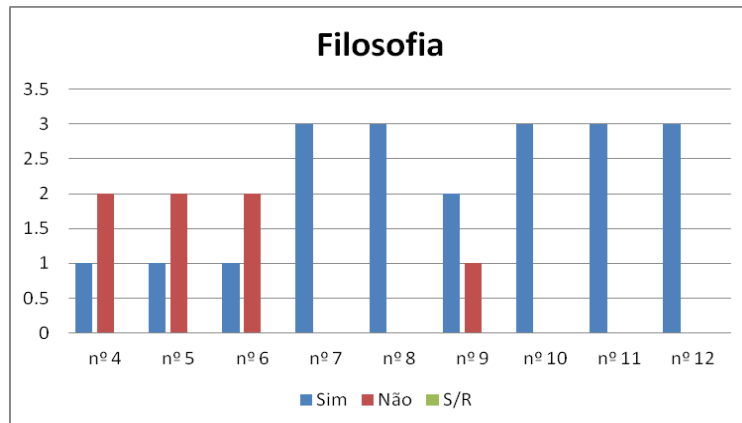


Gráfico 7 - Filosofia

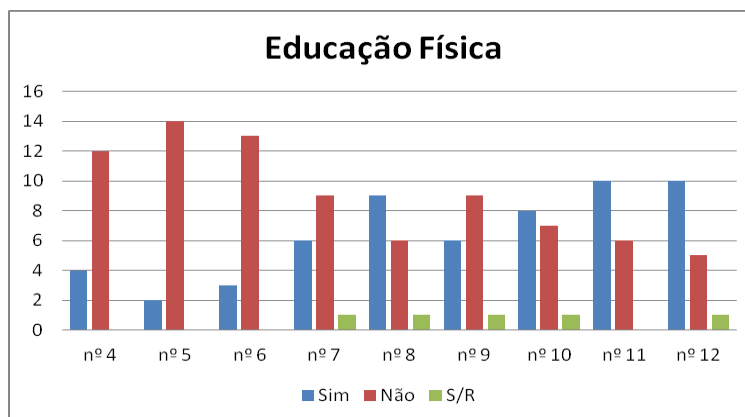


Gráfico 8 – Educação Física

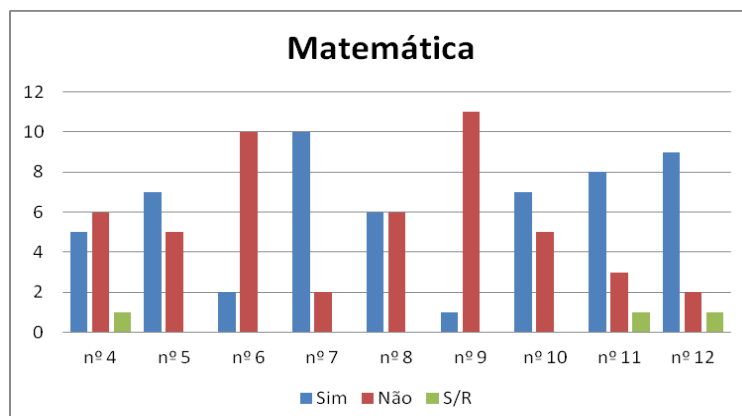


Gráfico 9 – Matemática

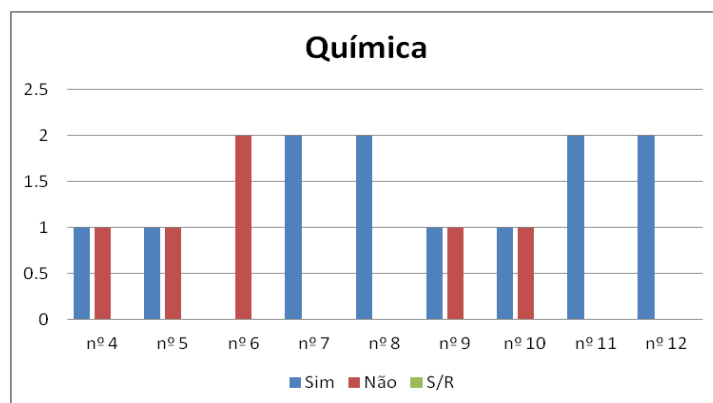


Gráfico 10 - Química

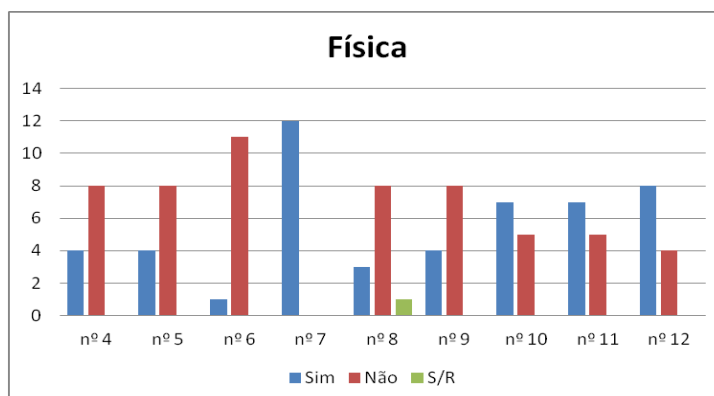


Gráfico 11 - Física

Dos 96 entrevistados podemos perceber que sua grande maioria nunca estudou com uma pessoa com deficiência ou altas habilidades/superdotação. Dentre os entrevistados, é ainda maioria o quantitativo de alunos que não lecionam e, dentre os que já lecionaram ou lecionam é ínfimo o quantitativo de graduandos que tiveram o contato com alunos deficientes ou com altas habilidades/superdotação.

Ao partir para as questões que envolvam a inclusão do aluno com deficiência física nas classes comuns foi possível verificar que: dentre os 70 alunos dos cursos da área de humanas, 54 concordam que o aluno com deficiência física seja incluído nas classes comuns, enquanto que nove não concordam e um não respondeu a pergunta; dos 26 alunos dos cursos da área de exatas, 24 concordam com a inclusão do aluno com deficiência física nas classes comuns e dois não concordam.

Em relação à inclusão do aluno com deficiência visual em classes comuns, 50 alunos da área de humanas concordam com tal inclusão, 13 discordam e sete não responderam. Na área de exatas obtivemos 11 respostas a favor da inclusão desse alunado, 14 que não e um que não respondeu.

À inclusão do alunado com deficiência intelectual, 31 graduandos da área de humanas são favoráveis, contra 35 e 4 não responderam. Quanto à área de exatas, seis foram a favor e 20 contra a inclusão desse alunado em classes comuns.

Quanto à inclusão de alunos surdos em classes comuns, dos alunos da área de humanas, 43 são a favor, 23 contra e quatro não responderam enquanto que dos alunos da área de exatas, 15 são a favor e 11 contra à inclusão deste alunado.

Com relação à inclusão do aluno autista em classes regulares, 46 graduandos são a favor, 18 contra e seis não responderam dentre as humanas e, 17 são a favor, oito contra e um não respondeu dentre as exatas.

E por fim, quanto à inclusão de alunos com altas habilidades/superdotação, 47 são a favor, 17 são contra e seis não responderam dentro os graduandos da área de exatas enquanto que 19 são a favor, seis contra e um não respondeu da área de exatas.

Para constar o gráfico elaborado abaixo ilustra o percentual de entrevistados a favor e contra a inclusão de alunados com deficiência física, visual, intelectual, surdos, autistas e superdotados/ altas habilidades por área das ciências.

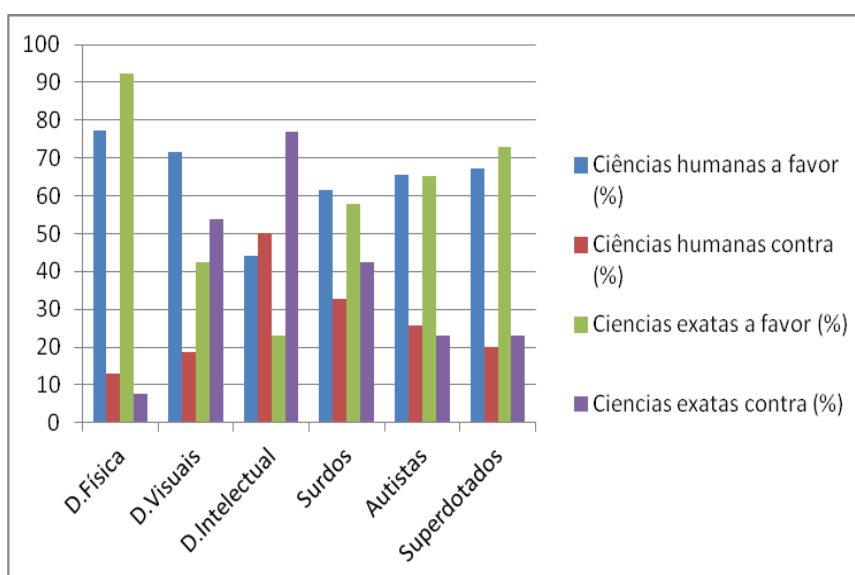


Gráfico 12 - Valores percentuais de licenciandos contra e a favor da inclusão de alunados com deficiência.

Dos dados significativos levantados sobre a inclusão do alunado com deficiência intelectual, percebemos que 76,92% de exatas são contra a inclusão e 50% de humanas também se manifestaram contra.

É bastante nítido também que a maioria concorda com a inclusão de deficientes físicos em classes comuns, sendo 77.14% dos alunados de humanas e 92.3% de exatas e muitos fazem observações quanto à estrutura/adaptação adequada do espaço escolar, pertinentes a este grupo de deficientes.

Os entrevistados em sua maioria concordam que alunos com deficiência não devem entrar nas classes especiais, mas fiquem todas em salas regulares. Muitos graduandos possuem algum conhecimento pelo assunto e alguns afirmam que deveriam ter salas especiais, não só para os alunos com deficiência, mas também para alunos normais. Como disse uma aluna L sobre a



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

pergunta se alunos com deficiência física, visual, ou qualquer deficiência intelectual deveria estar em classes comuns. Como observamos nessa citação:

“Sim devem estudar em classes comuns, mas caso necessário deve ter a possibilidade de estar em salas com recursos, não iriam só ajudar ela, mas todos os outros alunos.” (Depoimento I).

A entrevista permite também que o aluno não só opine a cerca da inclusão de alunos com deficiência em classes comuns, mas comente sua expectativa em relação à disciplina. Vejamos a seguir:

“Acredito que a integração pode acompanhar a inclusão dos alunos com deficiências. Por nossas particularidades cognitivas, todo tem níveis de aprendizagem e, de certa forma, disposição para determinadas áreas do saber em detrimento de outras. (...) Quando necessário ao ensino e aprendizado dos alunos com deficiências, acredito que seja pertinente, inclusive, prover este aluno em turmas especiais, com matérias e locais específicos, pois está em jogo é seu valor intelectual e social.” (Depoimento II).

DISCUSSÃO

O trabalho proposto pela disciplina leva o graduando a perceber a importância da disciplina para a sua formação acadêmica através das reflexões propostas e também às adaptações elaboradas no término do curso, juntamente com o plano de aula interdisciplinar e adaptado, pois segundo o MEC (BRASIL, 2002) “as adaptações curriculares suscitam reflexões acerca da forma de pensar e da atitude dos educadores em relação aos seus alunos que tem alguma dificuldade de aprendizagem, isto é, como podem atender, a partir do currículo, às diferenças individuais, em especial quando acentuadas”.

É interessante perceber o conhecimento dos alunos sobre o assunto antes mesmo das aulas começarem efetivamente, a sua maioria tem algumas opiniões em que se percebe o conhecimento que já detém sobre o assunto e outros que não sabem, mas tem opiniões sendo a favor das aulas inclusivas, não podendo deixar que nenhum aluno seja excluído da sala de aula, ou até mesmo da sociedade, afinal todos, conforme consta na Constituição de 1988, todos os cidadãos tem o direito a uma educação de qualidade, não podendo ser excluídos pessoas que tenham algum tipo de deficiência.

De acordo com Oliveira e Machado (2007) “adaptações curriculares envolvem modificações organizativas, nos objetivos e conteúdos, nas metodologias e na organização didática, na organização do tempo e na filosofia e estratégias de avaliação, permitindo o atendimento às necessidades educativas de todos os alunos, em relação à construção do conhecimento”.

O conhecimento de tais ferramentas permite utilizá-las na busca de soluções eficazes para promoção de valores positivos na aprendizagem inclusiva de todos os alunos.

Os alunos quando expressam suas expectativas quanto à disciplina já esperam de alguma forma que estas ferramentas, os auxiliem na sua prática docente, como vemos neste depoimento abaixo:



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

“A minha expectativa em relação à disciplina é de que ela me apresente ferramentas e me possibilite meios para que eu consiga futuramente lecionar em classes com algum (ns) aluno(s) com necessidades especiais.” (Depoimento III).

Percebemos que é elevado em conta para alguns graduandos antes do início da disciplina efetivamente, a individualidade do aluno deficiente ou não, como podemos notar a seguir:

A minha expectativa é conhecer de maneira mais aprofundada as questões, os problemas, e as possibilidades de superação no que se refere à prática da inclusão. Respondi às questões positivamente porque acredito que o desafio da educação é um exercício incessante de lidar com as diferenças sem excluir cada ser humano do espaço saudável da experiência em comum, de tal maneira que a singularidade de cada um tenha o seu espaço.” (Depoimento IV).

Alguns alunos por possuírem experiências familiares de pessoas com deficiência, apresentam interesse sobre o tema inclusão, como podemos notar a seguir:

Acredito que o mínimo de conhecimento e estudo sobre essa área é fundamental para qualquer profissional da área de educação. Também tenho um irmão com deficiência física e mental. Assim, o assunto de interessa de diferentes maneiras. (Depoimento V).

É interessante saber que para os graduandos mesmo sem os mesmos possuírem o conhecimento dos recursos que poderão facilitar suas aulas e oportunizar seus futuros alunos, consideram a devida importância. Como podemos ver no depoimento a seguir:

“Minhas expectativas são grandes. Tenho interesse de aprender e discutir sobre o assunto da inclusão. Acho que é uma disciplina extremamente importante para os alunos da licenciatura. Semestre passado peguei um estágio não obrigatório em educação especial e acompanhei dois alunos, um com síndrome de Down e o outro com deficiência intelectual no ensino regular. Trabalhei sem muito preparo por eles (do estágio) e sem nenhum da faculdade. Acredito que essa disciplina deveria ser obrigatória e desmembrada em outras.” (Depoimento VI).

Outro ponto bastante fascinante é o interesse dos alunos ao assunto, a ponto de quererem suprir seus questionamentos através do trabalho de conclusão de curso, como relatado a seguir:

Minha expectativa é aprender um pouco mais sobre inclusão no cotidiano escolar, pois apesar das leis vigentes, pouco é realizado de fato nas escolas. Além disso, pretendo fazer um TCC com esse tema. “Sendo assim, acredito que essa disciplina contribuirá para minha formação acadêmica e meu TCC.” (Depoimento VII).



CONCLUSÃO

Através deste estudo analisamos os resultados do questionário aplicado aos alunos da disciplina Práticas Pedagógicas em Educação Inclusiva com os objetivos de identificar as opiniões dos graduandos de licenciatura acerca da inclusão de alunos com deficiência e, verificar quais são as concepções destes sobre esta temática no início das aulas.

Quanto aos resultados encontrados através dos questionários concluímos que a maior parte dos alunados está de acordo com a inclusão de alunos com deficiência em classes comuns e não somente em salas especiais. Observados dados bastante significativos quanto à inclusão de pessoas com deficiência intelectual em classes comuns, pois 76,92% de exatas são contra a inclusão e 50% de humanas também se manifestaram contra. E no que diz respeito à inclusão de deficientes físicos 77.14% dos alunados de humanas e 92.3% de exatas e muitos fazem observações quanto à estrutura/adaptação adequada do espaço escolar, pertinentes a este grupo de deficientes.

Também concluímos que é de suma importância na formação acadêmica das licenciaturas o preparo do graduando a cerca da temática inclusão. Pois nos depoimentos dos alunados quanto suas as suas expectativas em relação à disciplina são demonstrados desejos de: mudança de olhar no que se refere à temática inclusão, reflexão sobre a temática e aquisição de ferramentas que os ajudem no ensino- aprendizagem dos seus futuros alunos. Em Educação Especial em 2007 que também abordava o assunto discutido neste trabalho, corrobora ainda mais com a o elementar trabalho proposto pela a disciplina, como notamos a seguir:

No início da disciplina os relatos expressos pelos alunos revelaram que estes, em sua maioria, não conheciam o conceito de inclusão e não imaginavam como seria ter em sua sala de aula alunos com necessidades educativas especiais. Alguns alunos, porém, relataram que apesar das dificuldades, acreditavam em uma educação não apenas “para” todos, mas em uma educação “com” todos. (FERNANDES; SILVA; ORRICO; REDIG, 2007):

É constantemente problematizada a diferença entre alunos e muitos acreditam que as diferenças deles é algo que precisa ser trabalhado, de forma que o aluno necessite estar pronto para se encaixar nos padrões de aprendizagem. Acarretando, portanto uma inconveniência, comprometendo assim, o processo de aprendizagem nas salas de aula que tentam promover valores e oportunidades de aprendizagem inclusivas para todos os alunos.

O sucesso da inclusão às diferenças dos alunos precisa ter o reconhecimento de um recurso positivo de aprendizagem para todos da classe.

De acordo com a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) e a portaria ministerial do Ensino Superior 1793 de 1994 (BRASIL, 1994) que recomenda a inclusão de disciplina obrigatória que trate dos aspectos éticos- políticos da integração das pessoas portadoras de necessidades educativas especiais e com o propósito de formar profissionais da educação que sejam sensíveis à causa da educação inclusiva.

Objetivamos, portanto com este trabalho que os alunos participantes dessa Disciplina já não se farão o mesmo questionamento se caso vierem a ministrar aulas em classes inclusivas, pois a eles foram dadas orientações e oportunidades de se aproximarem da comunidade deficiente.



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL
Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

Levando-se sempre em conta a individualidade de cada aluno e de cada ser humano seja ele deficiente ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

UNESCO. *Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais*. 1994. Disponível no site www.mec.gov.br. Acesso em 18 de agosto de 2013.

Portaria 1793 de dezembro de 1994. Disponível no site www.mec.gov.br. Acesso em 18 de agosto de 2013.

FERNANDES, E. M.; SILVA, A. C. F.; ORRICO, H.; REDIG, A. G.; FEIJÓ, G. A disciplina prática pedagógica em educação inclusiva no currículo das licenciaturas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: uma proposta de formação reflexiva. In: IV Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial, ISBN 978-85-99643-11-2 Londrina, 2007.

OLIVEIRA, E.; MACHADO, K. da S. Adaptações curriculares: caminho para uma Educação Inclusiva. In: GLAT, R. (Orgs.) *Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

_____. Ministério da Educação. *Estratégias e orientações para a educação de alunos com dificuldades acentuadas de aprendizagem associado às condutas típicas*. Brasília: MEC, SEESP, 2002.

FERNANDES, E. M.; REDIG, A.G. Estudo de caso sobre adaptações curriculares em uma classe regular. In: *Anais de resumos do I Congresso Internacional de Linguagem e Comunicação da Pessoa com Deficiência e I Congresso Brasileiro de Comunicação Alternativa – ISAAC Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

FERNANDES, E. M. Princípios metodológicos da disciplina prática pedagógica em educação inclusiva na formação de professores em cursos de licenciatura da UERJ. In: Enicéia Gonçalves Mendes; Maria Amélia Almeida. (Org.). *A pesquisa sobre inclusão escolar em suas múltiplas dimensões: teoria, política e formação*. 1ªed. Marília: Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, 2012, v. 1, p. 281-296.